

**‘UMA FANTASIOSA HISTÓRIA’ PARA DESCOLONIZAR E
FORTALECER O PENSAMENTO DE LEITORES DECOLONIAIS:
ressignificações de Dom Pedro I na literatura juvenil¹**

**‘A FANTASY STORY’ TO DISCOLONIZE AND STRENGTHEN THE
THINKING OF DECOLONIAL READERS:
resignifications of Dom Pedro I in youth literature**

Douglas Rafael Facchinello²

Instituto Federal de Santa Catarina

Phelipe de Lima Cerdeira³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral ponderar sobre como a ficção pode constituir-se enquanto espaço crítico para a construção de imaginários diferentes dos ideologicamente dominantes, especialmente na literatura infantil e juvenil, ao favorecer reflexões sobre as nossas histórias e nossas identidades. Os princípios metodológicos tomam como ponto de partida as diferentes reflexões inseridas no horizonte dos estudos das narrativas híbridas de história e ficção, além de preceitos advindos da literatura comparada e de uma abordagem bibliográfica e qualitativa. Ao contar como *corpus* de estudo a obra de Luiz Eduardo de Castro Neves, “*As cartas de Antônio: uma fantástica história do primeiro reinado*” (2019), destaca-se como essa narrativa permite uma abordagem decolonial em sala de aula, o que valoriza a formação de leitores decoloniais no Ensino Fundamental e, por conseguinte, o estímulo ao questionamento de discursos hegemônicos. Na diegese, escolhe-se tensionar a personagem de extração histórica Dom Pedro I, construída a partir de ambiguidades e tensões simbólicas. A fundamentação teórica inclui contribuições dos estudos decoloniais (Mignolo, 2003; Castro-Gómez, Grosfoguel, 2007; Quijano, 2014), narrativas híbridas de história e ficção no contexto da literatura infantil e juvenil

¹ Este texto dá continuidade a uma sequência de reflexões estabelecidas para a leitura da obra *As cartas de Antônio: uma fantástica história do primeiro reinado* (2019), do escritor carioca Luiz Eduardo de Castro Neves. A leitura ampliada e crítica a respeito de diferentes pontos desta diegese pode ser acessada de forma mais aprofundada em uma das seções da tese de doutorado *Ressignificações das imagens de Dom Pedro I: entre a tradição e a criticidade, a desconstrução – a formação do leitor decolonial no Ensino Fundamental* (2025), defendida por um dos autores deste artigo no primeiro semestre de 2025.

² Graduado em Letras Português e Espanhol (2005) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Foz do Iguaçu e Letras Inglês (2021) pela Unicesumar. Pós-graduado em Linguagem, Cultura e Ensino (2008) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Foz do Iguaçu e em Métodos e Técnicas de Ensino (2014) pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná de Medianeira. Mestre em Letras (2021) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Cascavel. Doutor em Letras (2025) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Cascavel. Atualmente é Professor Efetivo do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: douglas.facchinello@edu.ifsc.br

³ Doutor em Letras - Estudos Literários pela UFPR. Mestre em Letras - Estudos Literários e Licenciado em Letras-Espanhol pela UFPR. Pós-doutorado em Literatura Comparada pela UNIOESTE. Especialista em Língua, Literatura e Tradução em Espanhol pela Universidade Tuiuti do Paraná. Possui também graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006). Atualmente é Professor Efetivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: phelipecerdeira@gmail.com

(Santos, 2023); e, ainda, pesquisas sobre ensino de literatura e mediação literária (Cerdeira, 2024; Castillo, 2020; Fleck, 2019; Freire, 2005).

Palavras-chave: Literatura juvenil; Estudos decoloniais; Narrativas híbridas de história e ficção.

Abstract: This article emphasizes how fiction can serve as a critical space for constructing imaginaries that differ from ideologically dominant ones, particularly within children's and young adult literature, by fostering reflections on history and identity. We focus on hybrid narratives that combine history and fiction, proposing a decolonial approach that challenges the traditional and romanticized version of history, thereby opening possibilities for more critical pedagogical practices. The study analyzes the work *"As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do primeiro reinado"* (2019), by Luiz Eduardo de Castro Neves, highlighting how the narrative enables a decolonial approach in the classroom, promotes the development of decolonial readers in elementary education, and encourages questioning of hegemonic discourses. Special attention is given to how, within the diegesis, the historically derived character Dom Pedro I is constructed through ambiguities and symbolic tensions. The theoretical framework includes decolonial studies (Mignolo, 2003; Castro-Gómez, Grosfoguel, 2007; Quijano, 2014), hybrid narratives of history and fiction in the context of children's and young adult literature (Santos, 2023), and research on literature teaching and literary mediation (Cerdeira, 2024; Castillo, 2020; Fleck, 2019; Freire, 2005).

Keywords: Youth Literature; Decolonial studies; Hybrid narratives of history and fiction.

Submetido em 29 de dezembro de 2025.

Aprovado em 21 de julho 2026.

Introdução: dos caminhos iniciais para descolonizar o pensamento a partir da literatura juvenil que toma os discursos híbridos de história e ficção

As narrativas que articulam discursos ficcionais e históricos possibilitam reinterpretar e problematizar versões do passado frequentemente condicionadas pelas ideologias dominantes da história tradicional. Compreendemos essa tradição historiográfica como vinculada a uma perspectiva de matriz hanckean e romântica, marcada pela consolidação de discursos monológicos elaborados, em grande medida, a partir do horizonte dos vencedores. Ao buscar novas perspectivas acerca de acontecimentos históricos, na esteira das contribuições da Nova História ao longo do século XX, as ressignificações literárias assumem papel relevante para a construção de leituras críticas do passado. Mais do que oportunizar histórias outras (Mignolo, 2003), derivadas dos registros historiográficos, a ficção constitui um espaço de questionamento da colonialidade do poder (Quijano, 2014) e de produção de novos imaginários sociais. No âmbito da literatura infantil e juvenil, tais narrativas apresentam especial relevância por favorecerem processos de formação leitora voltados à constituição de leitores decoloniais, capazes de problematizar versões cristalizadas da história e refletir

criticamente sobre identidades, memórias e pertencimentos (Fleck, 2023a).

Este artigo propõe uma observação da narrativa juvenil brasileira *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (2019), de Luiz Eduardo de Castro Neves, destacando as estratégias ficcionais utilizadas para ressignificar a figura histórica de Dom Pedro I. A obra insere-se no campo da literatura juvenil por apresentar um protagonista jovem, linguagem acessível, organização narrativa linear e um horizonte de recepção voltado a leitores em processo de formação leitora, características recorrentes nesse segmento literário. Interessa-nos evidenciar como a literatura para jovens pode reconfigurar o passado, especialmente por meio do relato híbrido de história e ficção, contribuindo para reflexões acerca da formação da sociedade contemporânea. Para tanto, a análise estrutura-se em três eixos centrais: a construção da personagem histórica Dom Pedro I na diegese ficcional, os processos de hibridação entre história e ficção que sustentam a narrativa e as potencialidades da obra para a formação do leitor decolonial. Acreditamos que essas reflexões podem ser potencializadas por práticas de leitura no Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras, promovendo uma formação leitora mais conectada à realidade dos estudantes e constituindo-se como exemplo pragmático do chamado “giro decolonial” (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007), voltado à descolonização de mentes, identidades e imaginários juvenis.

Os procedimentos metodológicos deste estudo fundamentam-se em uma abordagem bibliográfica, qualitativa e interpretativa, articulada aos pressupostos da literatura comparada e aos estudos das narrativas híbridas de história e ficção. O corpus analisado é constituído pela obra *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (Neves, 2019), examinada a partir de três categorias centrais: a construção da personagem histórica Dom Pedro I, a configuração da diegese híbrida que articula elementos históricos e ficcionais e as potencialidades da narrativa para a formação do leitor decolonial. Para essa pesquisa, recorreremos aos estudos de Brait (2005) acerca da construção de personagens literárias e às contribuições de Fleck (2017) e Santos (2023) para a compreensão e classificação das narrativas híbridas de história e ficção. Em seguida, discutimos os desafios do ensino de literatura na Educação Básica e as potencialidades desse tipo de narrativa para a formação de leitores decoloniais. Segundo Fleck (2023a), essa formação deve proporcionar, além da experiência estética, o reconhecimento do passado colonial, a ampliação temática e a desterritorialização do pensamento. Tal processo ocorre por meio de práticas de leitura mediadas por professores

alinhados a epistemes decoloniais, capazes de dialogar com diferentes textualidades e de incluir vozes e perspectivas historicamente silenciadas.

Ao examinar a obra *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (Neves, 2019), refletimos sobre como sua narrativa alterna entre nuances acríicas e críticas/mediadoras (Fleck, 2017), articulando elementos ficcionais e históricos que promovem uma releitura da trajetória de Dom Pedro I. Nesse processo, a historicidade não é apresentada como discurso fixo ou definitivo, mas como matéria passível de questionamento, reconstrução e ressignificação pela ficção. A tessitura da diegese permite ao jovem leitor confrontar diferentes versões do passado, condição que Fleck (2023a) considera fundamental para a formação do leitor literário decolonial. Com base em pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa e interpretativa, analisamos especialmente a construção da personagem histórica Dom Pedro I ao longo das diferentes fases de sua vida, desde a juventude como príncipe Pedro até sua atuação como imperador do Brasil. A narrativa gradativamente desloca a imagem heroificada tradicionalmente associada à personagem, apresentando-a como figura complexa, ambígua e profundamente humana. A alternância entre representações exaltadoras e críticas transforma a obra em um espaço de tensionamento de discursos históricos, contribuindo para a desconstrução de perspectivas cristalizadas sobre o primeiro imperador brasileiro.

Para evidenciar a tendência recente da literatura híbrida infantil e juvenil brasileira, alinhada aos projetos estéticos do romance histórico latino-americano crítico, conforme Santos (2023), analisamos a narrativa *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (2019), de Luiz Eduardo de Castro Neves. A partir dessa leitura, discutimos a formação do leitor literário, especialmente o conceito de “leitor decolonial” desenvolvido por Fleck (2023a) e por pesquisadores vinculados ao grupo “Ressignificações do passado na América”. Nessa perspectiva, compreendemos as narrativas híbridas infantis e juvenis como espaços privilegiados para a articulação entre experiência estética, reflexão histórica e formação crítica, particularmente quando dirigidas a leitores em processo de constituição. Obras como a de Neves (2019) são entendidas não apenas como “território do particular” (Andruetto, 2014) e “ato subversivo” (Pennac, 2006), mas também como possibilidades de (re)construção de alteridades, ressignificação do passado e problematização de discursos historicamente consolidados (Cerqueira, 2024). Assim, defendemos que a literatura híbrida de história e ficção pode contribuir para processos de descolonização dos saberes, das identidades e

dos imaginários, favorecendo a formação de leitores capazes de interpretar criticamente a historicidade e os discursos que atravessam a sociedade contemporânea.

1. Descolonizando os saberes a partir da leitura de *As cartas de Antônio: uma fantástica história do Primeiro Reinado*

Após 322 anos de colonização (1500-1822), iniciada pela chegada dos portugueses ao território americano, o Brasil viveu 67 anos sob regime monárquico, período dividido entre o Primeiro e o Segundo Reinado. O Primeiro Reinado (1822-1831) foi governado por Dom Pedro I, seguido pelo Período Regencial (1831-1840), enquanto o Segundo Reinado (1840-1889) ficou sob a liderança de Dom Pedro II. Conhecido como Brasil Império, esse período marcou a transição de colônia para império monárquico, preservando, contudo, vínculos políticos e dinásticos com a estrutura de poder anteriormente estabelecida. Após a Independência, em 1822, diferentes movimentos de contestação e revoltas regionais evidenciaram tensões em torno da organização política do novo Estado brasileiro. Nesse contexto, Dom Pedro I consolidou-se como uma das figuras centrais da historiografia nacional, sendo representado, ao longo do tempo, por perspectivas diversas e frequentemente contraditórias. Se determinados discursos históricos contribuíram para sua heroificação, outros enfatizaram aspectos controversos de sua atuação política e pessoal. É justamente essa multiplicidade de representações que torna a personagem histórica particularmente relevante para as narrativas híbridas de história e ficção, as quais encontram, em sua complexidade, um terreno fértil para problematizar versões cristalizadas do passado e explorar as ambiguidades que caracterizam a experiência humana.

Nesta reflexão, voltamos à literatura infantil e juvenil, segmento que tem acompanhado a tendência contemporânea de articular história e ficção, tal como ocorre em diversas produções destinadas ao público adulto. Essa aproximação permite que acontecimentos e personagens historicamente conhecidos sejam revisitados por meio da imaginação literária, favorecendo novas interpretações do passado luso-brasileiro. Santos (2023) destaca a transformação dessas narrativas nas últimas décadas, marcada pelo fortalecimento de uma produção crítica e por uma crescente tendência à revisão e à desconstrução de discursos históricos cristalizados. Nesse contexto, observamos uma tensão permanente entre tradição e revisão crítica do passado, especialmente nas obras que tematizam o Brasil Império. A literatura híbrida de história e ficção assume, assim,

papel relevante ao promover o diálogo entre historicidade e invenção ficcional, permitindo que diferentes versões dos acontecimentos históricos coexistam e sejam problematizadas. É sob essa perspectiva que analisamos *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (2019), de Luiz Eduardo de Castro Neves, obra considerada relevante no âmbito da literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea por mobilizar estratégias narrativas que ressignificam personagens e eventos do passado nacional (Santos, 2023).

Nosso objetivo é contribuir para a reflexão acerca da formação do leitor decolonial na escola pública, processo que compreendemos como fortemente dependente da mediação docente e das experiências de leitura desenvolvidas em sala de aula. Para Fleck (2023a), esse leitor caracteriza-se pela capacidade de problematizar sua identidade, reconhecer os impactos da colonialidade sobre a sociedade contemporânea e refletir criticamente sobre as narrativas que historicamente moldaram o imaginário coletivo. Nesse contexto, a literatura constitui um discurso potencialmente transformador, pois favorece o reconhecimento dos resquícios do colonialismo e de seus efeitos na produção dos saberes, das identidades e das relações sociais. Na narrativa de Neves (2019), esse processo é construído por meio da trajetória de Antônio Viana Barbosa Coutinho, protagonista que recebe cartas do primo José relatando acontecimentos relacionados à formação do Império brasileiro. Ao incorporar à diegese eventos históricos como a ascensão, o governo e a abdicação de Dom Pedro I, a obra articula historicidade e ficção, permitindo ao leitor entrar em contato com versões alternativas e tensionadas do passado. A perspectiva de Antônio, marcada por sentimentos contraditórios, questionamentos e constantes revisões de julgamento, aproxima a narrativa da tendência crítica do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017) e contribui para a formação de uma postura leitora mais reflexiva diante da história nacional.

Com base nessa perspectiva, apresentaremos uma leitura possível de *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (2019), privilegiando três aspectos centrais da narrativa: a construção das personagens, a configuração da diegese híbrida e os mecanismos de articulação entre história e ficção. Partimos da compreensão de que a obra se vincula à tradição das narrativas híbridas com tendência à desconstrução, uma vez que problematiza representações históricas consolidadas e propõe novas possibilidades de leitura do passado. Além disso, examinaremos como determinadas estratégias narrativas empregadas por Neves aproximam a literatura juvenil de procedimentos

frequentemente observados em produções destinadas ao público adulto, especialmente no âmbito do romance histórico contemporâneo crítico. Nosso propósito é, ainda, sugerir possibilidades de mediação de leitura em sala de aula, contribuindo para o “giro decolonial” e para a formação de leitores capazes de realizar uma leitura crítica e plena dos textos literários (Castillo, 2020).

2. Por uma análise da abordagem decolonial via *As Cartas de Antônio*

A narrativa híbrida juvenil *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* articula história e ficção ao apresentar Antônio Viana Barbosa Coutinho e seu escravizado Tobias como personagens que participam de acontecimentos decisivos para a Independência do Brasil e para a consolidação do período imperial. Inseridos nessa diegese híbrida, ambos funcionam como mediadores do contato entre o leitor e a historicidade representada na narrativa, possibilitando diferentes formas de interpretação dos eventos e das personagens históricas. Por meio de suas experiências, dúvidas e questionamentos, os leitores são convidados a refletir criticamente sobre a figura de Dom Pedro I e sobre os discursos tradicionalmente associados à sua atuação política. Essa perspectiva aproxima a obra de Neves (2019) das produções contemporâneas do romance histórico crítico, caracterizadas pela revisão e problematização de versões cristalizadas do passado. Em nota de abertura, o próprio autor explicita essa intenção ao caracterizar Dom Pedro I como “uma figura complexa, herói e vilão” (Neves, 2019, p. 17), antecipando um dos principais movimentos da narrativa: a desconstrução de representações heroificadas da personagem histórica. A duplicidade de Antônio acompanha esse processo, funcionando simultaneamente como álter ego do autor e como espécie de espelho das ambiguidades atribuídas ao imperador. Desse modo, a obra desloca a atenção de uma leitura centrada em heróis nacionais para uma abordagem que privilegia a complexidade humana das personagens. Tal procedimento permite classificar a narrativa na fase crítica com tendência à mediação das produções híbridas infantis e juvenis, conforme Santos (2023), uma vez que a ficção atua não apenas na revisão do passado, mas também na humanização das figuras históricas tradicionalmente apresentadas de forma monológica.

Na diegese híbrida, Antônio e Tobias vivenciam e debatem acontecimentos relacionados à Independência do Brasil e ao Primeiro Reinado. Essa configuração

narrativa rompe com a perspectiva monológica frequentemente encontrada nos livros didáticos, ao incorporar dialogismo e polifonia como estratégias de problematização da historiografia tradicional. Mais do que reproduzir acontecimentos históricos, a narrativa mobiliza personagens ficcionais e de extração histórica para tensionar versões consolidadas do passado e promover uma leitura crítica da formação do Estado brasileiro. Nesse contexto, figuras como Frei Caneca e Maria Quitéria são incorporadas à diegese não apenas como referências históricas, mas como agentes que ampliam a pluralidade de perspectivas sobre a Independência. Ao lado delas, Antônio e Tobias atuam como mediadores da experiência histórica do leitor, permitindo que eventos amplamente conhecidos sejam observados por ângulos alternativos e frequentemente silenciados pelos discursos oficiais. A aproximação de Antônio com Dom Pedro I, por sua vez, constitui um dos principais recursos da narrativa para explorar as ambiguidades da personagem histórica. Ao mesmo tempo em que o protagonista se identifica com os ideais de liberdade associados à Independência, ele passa a perceber as contradições presentes em um processo político conduzido pelo herdeiro da própria monarquia portuguesa. Essa tensão é explicitada quando a personagem Tobias, um escravizado, questiona: “como pode a independência ser feita pelo filho do rei?” (Neves, 2019, p. 27). Tal indagação evidencia o modo como a obra transforma a historicidade em objeto de reflexão, problematizando interpretações lineares do passado e estimulando uma postura leitora mais próxima dos pressupostos decoloniais.

Apesar dos questionamentos iniciais, Antônio mantém sua crença nos ideais de liberdade associados à Independência e prossegue rumo ao Rio de Janeiro. Sua aproximação com Dom Pedro I desempenha papel fundamental na economia da narrativa, pois permite que o protagonista acompanhe a personagem histórica para além das representações tradicionalmente difundidas pela historiografia escolar. Em um primeiro momento, predomina a admiração, evidenciada quando Antônio afirma que o imperador “[...] exercia um fascínio sobre as pessoas e sobre mim em especial. Sempre ficava impressionado com sua energia e vitalidade. Além disso, era simpático com todos” (Neves, 2019, p. 36). Contudo, à medida que a diegese avança, surgem aspectos menos idealizados da figura imperial, como suas relações extraconjugais, os conflitos familiares e determinadas atitudes autoritárias relacionadas ao exercício do poder. Essa progressiva revelação de facetas contraditórias contribui para a humanização da personagem histórica, afastando-a da construção heroica normalmente associada aos discursos

tradicionais sobre a Independência. Ao tomar conhecimento dessas tensões, Antônio passa a questionar suas próprias convicções, indagando: “Como Dom Pedro pode ter virado um ditador assim tão repentinamente?” (Neves, 2019, p. 43). Mais do que representar uma mudança individual de opinião, esse movimento evidencia uma das principais estratégias da narrativa híbrida: tensionar a historicidade por meio da ficção, permitindo ao leitor confrontar diferentes imagens de uma mesma personagem e compreender o passado como espaço de disputas, ambiguidades e contradições.

De volta a Recife, Antônio retoma o diálogo com Frei Caneca e engaja-se na organização da Confederação do Equador, movimento que, na narrativa, representa uma reação às práticas centralizadoras do Império. A repressão à revolta e a execução de Frei Caneca provocam profunda indignação no protagonista, levando-o a alistar-se na Guerra da Cisplatina movido pelo desejo de vingança contra o Imperador. Contudo, a narrativa novamente tensiona certezas e posicionamentos aparentemente consolidados. Ao observar Dom Pedro I junto às tropas, mobilizando os soldados e demonstrando capacidade de liderança, Antônio vê ressurgir sentimentos de admiração que passam a coexistir com a revolta anteriormente experimentada:

[...] uma tarde o imperador chegou no acampamento. Ele veio ajudar a motivar as tropas. E como fazia isso bem! Andava pelo meio dos soldados animando a todos e falando da importância de vencermos a guerra. Aos poucos, vi minha irritação ser abrandada pela admiração que despertava a força daquela figura (Neves, 2019, p. 59).

Essa oscilação evidencia um dos principais movimentos da diegese: a recusa de representações simplificadoras das personagens. Nem Antônio permanece preso a um julgamento único sobre o imperador, nem Dom Pedro I é retratado exclusivamente como herói ou vilão. Ao contrário, a narrativa enfatiza a complexidade humana de ambos, permitindo que sentimentos contraditórios, como admiração, ressentimento, fascínio e desaprovação, coexistam ao longo da trajetória das personagens. Tal construção aproxima a obra das produções híbridas de caráter crítico, pois transforma a historicidade em espaço de questionamento permanente e não de afirmação de verdades absolutas.

Durante a guerra no sul do Império, Dom Pedro I surge significativamente humanizado, marcado pela dor decorrente da morte de D. Leopoldina. Sensibilizado por essa condição, Antônio aceita retornar ao Rio de Janeiro a convite do imperador. Contudo, ao chegarem à capital, a responsabilização pública de Dom Pedro pela morte da imperatriz desencadeia uma nova oscilação nos sentimentos do protagonista:

Aos poucos, percebi nutrir um sentimento dúbio em relação ao imperador: a repulsa que sentia por seus atos era por vezes superada pelo sentimento de pena do homem evidentemente destruído pelo destino que tinha ajudado a criar. Sentia a dor dele pela morte de D. Leopoldina e isso me comovia. Mas, quando me lembrava das histórias contadas por Tobias, desejava a ele cada centímetro dessa dor. Percebi que a ambiguidade me incomodava (Neves, 2019, p. 64).

O fragmento evidencia um dos procedimentos mais relevantes da obra: a construção de uma personagem histórica afastada de representações heroicas ou condenatórias absolutas. A diegese não procura apresentar Dom Pedro I como figura unicamente admirável nem exclusivamente condenável; ao contrário, explora suas contradições humanas, suas fragilidades emocionais e as consequências de suas escolhas políticas e pessoais. Simultaneamente, a ambiguidade percebida por Antônio também contribui para sua própria complexificação psicológica, uma vez que ele se vê incapaz de emitir um julgamento definitivo sobre o imperador. Dessa forma, a narrativa híbrida transforma a historicidade em espaço de tensionamento crítico, permitindo que o leitor confronte diferentes perspectivas acerca da mesma personagem histórica e compreenda o passado para além de interpretações simplificadoras ou monológicas.

Dividido entre afeição e repulsa, Antônio procura Domitila, marquesa de Santos, com a intenção de responsabilizá-la pelos conflitos que envolvem a família imperial. Entretanto, ao entrar em contato com sua versão dos acontecimentos, vê-se novamente confrontado com a impossibilidade de formular julgamentos absolutos. Nesse momento, a narrativa amplia seu movimento de humanização das personagens históricas ao representar tanto a imperatriz quanto a concubina como mulheres atravessadas por condicionamentos sociais, afetivos e políticos que as colocam em posição de vulnerabilidade. A estratégia narrativa afasta-se de leituras simplificadoras e reforça a complexidade humana dos sujeitos que participam do processo histórico.

Na sequência, Antônio testemunha acontecimentos marcantes do período, como o novo casamento de Dom Pedro I e a Noite das Garrafadas, acompanhando de perto os momentos que precedem sua abdicação. Ao decidir acompanhar o imperador em seu retorno a Portugal, o protagonista passa a compartilhar os derradeiros momentos de sua trajetória. Tal escolha possui relevância simbólica para a diegese, pois permite que o contato entre Antônio e Dom Pedro I se estenda até a morte do antigo monarca, consolidando o processo de transformação da imagem imperial ao longo da narrativa. Assim, a personagem histórica deixa de ser percebida apenas como figura política associada à Independência e passa a ser representada em sua dimensão humana, marcada

por fragilidades, contradições, perdas e ambiguidades. A historicidade, nesse contexto, não é mobilizada para reafirmar discursos heroicos, mas para problematizar representações consolidadas e construir uma leitura mais complexa do passado brasileiro.

Tobias,

Com enorme tristeza comunico que o rei soldado nos deixou. Nesses últimos anos, tenho pensado em muitas coisas que você me disse. No fundo, atrás do poderoso imperador, havia apenas um ser humano como outro qualquer. Talvez esse fosse o maior defeito e a maior virtude dele: D. Pedro era excessivamente humano” (Neves, 2019, p. 95).

Com essa epístola, encerra-se a diegese, consolidando uma das principais proposições da obra: a desconstrução de representações heroicas ou unicamente condenatórias de Dom Pedro I. O imperador deixa de ser compreendido exclusivamente como personagem histórica vinculada à Independência para ser percebido como sujeito atravessado por contradições, fragilidades, afetos e conflitos. A expressão “excessivamente humano” sintetiza o processo de ressignificação promovido pela narrativa, evidenciando uma leitura da historicidade que privilegia a complexidade dos indivíduos em detrimento das visões monológicas frequentemente associadas aos discursos oficiais.

Ao mesmo tempo, a transformação não se restringe a Dom Pedro I. Antônio também percorre um processo de amadurecimento interpretativo ao longo da trama, abandonando posições extremadas de admiração ou repulsa para assumir uma postura mais crítica e reflexiva diante do passado. Tobias, por sua vez, mantém sua função de contraponto ético e discursivo, tensionando constantemente as interpretações do protagonista e ampliando a pluralidade de vozes presente na narrativa. Desse modo, Neves (2019) constrói uma diegese na qual personagens históricas e ficcionais convivem em relações de complementaridade e confronto, favorecendo a problematização dos acontecimentos históricos e a formação de uma leitura crítica do passado. É justamente nessa articulação entre historicidade, ficção e complexidade humana que reside uma das maiores contribuições da obra para a literatura híbrida infantil e juvenil contemporânea.

3. As personagens e o valor das ressignificações: estratégias presentes em *As cartas de Antônio*

Embora Antônio exerça simultaneamente as funções de narrador, protagonista e voz narrativa da obra, três personagens assumem papel central na organização da diegese de *As cartas de Antônio*: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado (Neves, 2019):

Antônio, Tobias e Dom Pedro I. Diferentemente do que frequentemente se observa em narrativas voltadas ao público infantil e juvenil, o relato não se estrutura a partir da oposição convencional entre herói e antagonista. Em lugar dessa dicotomia, a narrativa constrói personagens marcadas por ambiguidades, contradições e processos contínuos de transformação. Cada uma delas contribui, a seu modo, para problematizar a imagem historicamente construída do primeiro imperador brasileiro, oferecendo perspectivas distintas acerca dos acontecimentos que compõem a historicidade representada na obra. Essa configuração reforça o caráter híbrido da narrativa, uma vez que articula personagens ficcionais e de extração histórica em uma mesma tessitura diegética. É nesse contexto que a noção do duplo se torna uma chave interpretativa relevante, permitindo compreender como as personagens refletem, tensionam e ressignificam umas às outras ao longo da narrativa.

Dom Pedro I, personagem de extração histórica, é representado na narrativa como príncipe, libertador, imperador e “rei soldado”, assumindo uma configuração marcada por constantes oscilações entre autoritarismo, fascínio, agressividade e simpatia. Essa multiplicidade de traços afasta a personagem de representações unívocas e contribui para sua humanização ao longo da diegese. Sob o olhar de Antônio, Dom Pedro é sucessivamente admirado, criticado, rejeitado e compreendido, movimento que reforça a complexidade psicológica atribuída à figura histórica. Antônio, por sua vez, é uma personagem puramente ficcional, configurada como um jovem que sonha com uma pátria livre e que vivencia intensos conflitos de ordem política e afetiva. Sua trajetória é marcada pela oscilação entre sentimentos contraditórios em relação ao imperador, característica que o aproxima da própria ambiguidade atribuída a Dom Pedro I. Ao lado dele está Tobias, inicialmente escravizado, cuja configuração assume caráter metonímico ao representar grupos historicamente marginalizados e frequentemente silenciados pelos discursos oficiais sobre o período imperial. Astuto, afetuoso e questionador, Tobias atua como contraponto crítico às percepções de Antônio, problematizando acontecimentos históricos e incentivando reflexões que atravessam toda a narrativa. A articulação entre essas três personagens evidencia uma das principais estratégias da obra: promover o encontro entre ficção e historicidade por meio de vozes distintas e, muitas vezes, conflitantes, capazes de tensionar versões cristalizadas do passado brasileiro. A seguir, aprofundamos a análise dessas personagens e de suas contribuições para a ressignificação da figura de Dom Pedro I.

A configuração de Antônio, sob a perspectiva crítica genettiana, corresponde à de um narrador autodiegético, uma vez que a voz narrativa pertence ao próprio protagonista e sua trajetória se encontra intimamente vinculada aos acontecimentos narrados (Genette, 1979). Toda a diegese se organiza a partir de suas experiências, decisões e reformulações de julgamento, fazendo com que o leitor acompanhe a progressiva construção de seu olhar sobre os acontecimentos históricos e sobre as personagens que os protagonizam. Psicologicamente, Antônio pode ser classificado como uma personagem redonda, dado seu elevado grau de complexidade (Foster, 1974), evidenciado pelas constantes oscilações de sentimento em relação a Dom Pedro I. Em determinados momentos, predomina a admiração, como quando afirma que o imperador “exercia um fascínio sobre as pessoas e sobre mim em especial” (Neves, 2019, p. 36); em outros, emerge a desaprovação diante das contradições observadas em sua atuação política e pessoal: “Aos poucos, percebi nutrir um sentimento dúbio em relação ao imperador: a repulsa que sentia por seus atos era por vezes superada pelo sentimento de pena do homem [...]” (Neves, 2019, p. 64).

Essa dubiedade constitui um dos elementos centrais da construção da personagem, pois impede avaliações definitivas tanto sobre o imperador quanto sobre os acontecimentos históricos narrados. Nesse sentido, Antônio funciona como mediador entre a historicidade e a ficção, conduzindo o leitor por sucessivos processos de revisão crítica do passado. Sua configuração também permite compreender a importância do duplo na narrativa, uma vez que as ambiguidades que experimenta refletem, em grande medida, as próprias contradições atribuídas a Dom Pedro I. Por meio desse mecanismo, a obra afasta-se de representações simplificadoras e favorece a construção de personagens marcadas pela complexidade humana, aspecto fundamental para a releitura crítica da história proposta pela narrativa híbrida.

Tobias, inicialmente apresentado como escravizado de Antônio, desempenha uma função que ultrapassa a de acompanhante ou personagem secundária. Ao longo da narrativa, ele atua como instância crítica responsável por problematizar as certezas do protagonista e tensionar interpretações naturalizadas sobre a sociedade imperial. Sua presença constante nos diálogos faz dele um importante agente de reflexão dentro da diegese, contribuindo para que Antônio reveja posições e reavalie suas concepções acerca da história, da política e das relações de poder. No excerto a seguir, observa-se claramente essa função:

– D. Pedro vai ficar no Brasil! – falei animado.

Tobias achou graça: – Ficar aqui? Só se for pela vontade da D. Leopoldina. Não se esqueça de que ele é português. Qualquer dia desses, resolve voltar e dá no pé.

– E ele larga esse paraíso? Quem deveria dar no pé é o José! Largar o Rio de Janeiro e voltar para casa!

[...]

– José sempre quis nos separar dos portugueses, e agora se entrega a uma portuguesa tão facilmente? Como pode?

Tobias deu uma gargalhada:

– Por que tanto ódio dos portugueses se o senhor se chama Antônio? É claro que algum parente do senhor veio de Portugal. Quem tem que ter raiva sou eu, que vim trazido à força da minha querida África. No mais, amor é a maior liberdade que existe (Neves, 2019, p. 23-24).

O diálogo evidencia que Tobias ocupa uma posição singular na narrativa. Ao questionar o sentimento de hostilidade de Antônio em relação aos portugueses e recordar sua própria experiência como sujeito arrancado da África pelo sistema escravista, a personagem desloca o debate para perspectivas frequentemente marginalizadas pelos discursos históricos tradicionais. Dessa forma, sua voz amplia a pluralidade discursiva da diegese e introduz reflexões sobre colonialismo, pertencimento e identidade. Mais do que comentar os acontecimentos históricos, Tobias oferece um contraponto crítico às interpretações do protagonista, funcionando como mediador de uma leitura que problematiza tanto a historicidade oficial quanto os valores reproduzidos pelos grupos dominantes do período. Essa configuração reforça seu caráter metonímico, uma vez que a personagem passa a representar experiências e perspectivas historicamente silenciadas, contribuindo para a construção de uma narrativa híbrida comprometida com a revisão crítica do passado.

Apesar de sua relevância como voz crítica da narrativa, Tobias pode ser classificado como personagem plana, uma vez que mantém relativa estabilidade em seus traços psicológicos e comportamentais ao longo da diegese. Diferentemente de Antônio e de Dom Pedro I, cujas percepções e posicionamentos sofrem transformações significativas, Tobias preserva características constantes, como o espírito questionador, a capacidade reflexiva e a defesa de posições críticas diante dos acontecimentos. Essa estabilidade pode ser observada quando Antônio o descreve como “um sujeito muito interessante. Cheio de opiniões fortes, por vezes não consegue ‘conter seus pensamentos’” (Neves, 2019, p. 22).

Contudo, a classificação como personagem plana não implica ausência de complexidade ou relevância narrativa. Ao contrário, Tobias desempenha funções fundamentais para a construção da diegese, atuando simultaneamente como consciência

do protagonista e como representante de perspectivas historicamente marginalizadas. Além de seu papel reflexivo, a personagem também é construída a partir de experiências afetivas e desejos individuais, aspecto que contribui para sua humanização. Isso pode ser observado no episódio em que manifesta o desejo de permanecer no Rio de Janeiro em razão de seu envolvimento amoroso:

Para minha surpresa, Tobias tentou me fazer mudar de opinião:

– Mas senhor, o Rio de Janeiro é tão agradável...

– E Recife? Não será bom voltar para casa e ficar livre desse furacão?

Ele baixou a cabeça:

– É que... É que me afeiçoei a uma escrava do Barão de Lamúrias e adoraria que o senhor ficasse mais um tempo por aqui (Neves, 2019, p. 44).

O fragmento evidencia que Tobias não se resume ao papel de comentador dos acontecimentos históricos. Sua condição de sujeito apaixonado, dotado de expectativas, vínculos afetivos e projetos pessoais, amplia sua dimensão humana dentro da narrativa. Ao mesmo tempo, essa característica reforça a proposta da obra de representar personagens históricas e ficcionais para além de funções sociais rigidamente definidas, atribuindo-lhes subjetividade e profundidade emocional. Desse modo, mesmo mantendo relativa estabilidade psicológica, Tobias contribui significativamente para a construção de uma narrativa que privilegia a complexidade humana e a revisão crítica das interpretações tradicionais do passado.

Essa característica reaparece em outros momentos da narrativa, inclusive em episódios relacionados aos vínculos afetivos estabelecidos por Tobias. Entretanto, sua relevância ultrapassa a dimensão individual, uma vez que a personagem também se configura como metonímica, conforme a definição proposta por Silva (2023), fundamentada nos estudos de Fleck (2017). Nessa perspectiva, Tobias não representa apenas a si mesmo, mas atua como figura capaz de condensar experiências historicamente compartilhadas por sujeitos que permaneceram à margem dos discursos oficiais sobre o Brasil Império. Sua trajetória permite que a diegese incorpore perspectivas geralmente ausentes das narrativas históricas tradicionais, ampliando a pluralidade de vozes e pontos de vista presentes no relato com

[...] o convívio próximo entre personagens de extração histórica e as puramente fictícias. O modo como são elaboradas as personagens fictícias e construídos os eventos paralelos aos acontecimentos históricos serve, comumente, como contraponto às ações da história e, portanto, dentro das diegeses, abrem-se, quase sempre, a múltiplas significações. As personagens podem ser elaboradas metonimicamente, como personagens-tipo, representativos de uma coletividade, ou, ainda, com o objetivo de perspectivação, e se tornam, por isso mesmo, oportunidade de resgate de pessoas e grupos periféricos, propositalmente apagados, acrescentando-lhes, pela ficção,

a possibilidade de evidenciar suas formações identitárias e culturais, negligenciadas pela produção de conhecimento sistematizado no seio das instituições educacionais (Silva, 2023, p. 221-222).

A definição apresentada por Silva (2023) contribui para compreender a função desempenhada por Tobias na narrativa de Neves (2019). Embora possua individualidade, desejos, afetos e posicionamentos próprios, a personagem também opera como representante de grupos historicamente silenciados pela historiografia tradicional. Sua condição de homem negro escravizado e posteriormente alforriado possibilita que experiências frequentemente excluídas dos discursos oficiais sejam incorporadas à narrativa ficcional. Desse modo, Tobias amplia as possibilidades interpretativas da diegese e reforça o caráter híbrido da obra, que articula ficção e historicidade para promover uma releitura crítica do passado. Ao lado de Antônio e Dom Pedro I, ele constitui uma das principais vozes responsáveis por tensionar representações consolidadas da sociedade imperial e por contribuir para a construção de uma leitura de viés decolonial.

Por fim, Dom Pedro I pode ser classificado como personagem redonda, pois apresenta elevado grau de complexidade psicológica e comportamental, característica que o aproxima da configuração atribuída a Antônio (Foster, 1974). Ao longo da narrativa, o imperador é representado por meio de diferentes facetas, frequentemente contraditórias, que impedem sua redução a categorias estáveis ou simplificadoras. Essa construção pode ser observada no diálogo a seguir:

– Enfeitiçar? Você não disse que tinha que ouvir a outra parte? Então, eu ouvi. E agora vejo que D. Leopoldina e Domitila foram vítimas da crueldade de D. Pedro.
 – Patrão, e por acaso o senhor já ouviu a versão do imperador? E de toda forma não se esqueça: atrás do todo-poderoso imperador está apenas um ser humano como outro qualquer, cheio de virtudes e de imperfeições (Neves, 2019, p. 81).

O excerto sintetiza um dos principais movimentos da narrativa: a recusa de interpretações unilaterais acerca de Dom Pedro I. Ao recordar que “atrás do todo-poderoso imperador está apenas um ser humano como outro qualquer, cheio de virtudes e de imperfeições”, Tobias desloca a leitura da esfera exclusivamente política para a dimensão humana da personagem. A figura histórica deixa de ser compreendida apenas como herói da Independência ou como governante autoritário e passa a ser representada como sujeito contraditório, marcado simultaneamente por qualidades e falhas.

Essa complexificação da personagem constitui um importante recurso da narrativa híbrida, pois permite que a historicidade seja revisitada a partir de perspectivas menos

rígidas e mais problematizadoras. A diegese não busca absolver nem condenar Dom Pedro I, mas explorar as tensões inerentes à sua trajetória histórica. Dessa forma, a obra promove uma ressignificação da personagem, afastando-se tanto dos discursos heroificadores da historiografia tradicional quanto de leituras puramente acusatórias das revisões. O resultado é a construção de uma figura profundamente humana, cujas ambiguidades contribuem para o desenvolvimento de uma leitura crítica do passado e para a formação de leitores capazes de questionar representações históricas cristalizadas.

Assim, três personagens principais compõem a galeria de Neves (2019): Antônio e Dom Pedro I apresentam configuração redonda, enquanto Tobias se constitui como personagem plana. Entre elas, uma é puramente fictícia (Antônio), outra é de extração histórica (Dom Pedro I) e a terceira, Tobias, assume caráter metonímico. A articulação entre essas diferentes configurações evidencia uma das estratégias centrais da narrativa híbrida: promover o encontro entre ficção e historicidade por meio de perspectivas complementares e, por vezes, conflitantes. Nesse contexto, Tobias desempenha papel fundamental ao atuar como mediador crítico das interpretações produzidas por Antônio acerca do imperador. É ele quem constantemente questiona certezas, relativiza julgamentos e favorece a construção de uma imagem mais complexa de Dom Pedro I. Dessa forma, a personagem contribui diretamente para o processo de humanização do imperador, afastando-o tanto das representações heroificadoras da historiografia tradicional quanto de leituras exclusivamente condenatórias. Ao mesmo tempo, sua presença amplia o espaço de manifestação de vozes historicamente silenciadas, reforçando o caráter decolonial da narrativa e sua proposta de ressignificação crítica do passado.

Essas três personagens interagem direta e indiretamente ao longo da narrativa, atravessando diferentes espaços sociais e geográficos representados na diegese, tanto no Brasil quanto em Portugal. A relação estabelecida entre Antônio, Tobias e Dom Pedro I constitui o eixo central da obra, responsável por articular ficção, historicidade e problematização crítica do passado. Em torno desse núcleo, gravitam personagens secundárias de grande relevância para a construção da narrativa, entre as quais se destacam Maria Quitéria, a imperatriz Maria Leopoldina, a marquesa de Santos e Frei Caneca, todas de extração histórica, além de José, primo de Antônio, responsável pela correspondência que impulsiona o desenvolvimento da trama. Embora ocupem posições secundárias na narrativa, essas personagens ampliam a pluralidade de perspectivas sobre

o Brasil Império e contribuem para a construção de uma diegese marcada pela convivência entre diferentes vozes, experiências e interpretações dos acontecimentos históricos. Dessa forma, a obra reafirma uma de suas principais características: a utilização da literatura híbrida como espaço de ressignificação do passado e de questionamento de discursos historiográficos cristalizados.

4. Nas águas da formação de leitores decoloniais: possibilidades a partir da leitura crítica e da poética de Neves

Não há dúvidas de que obras como a de Neves – tomada neste artigo como *corpus* ficcional de análise – transcendem os interesses restritos aos estudos críticos sobre narrativas híbridas de história e ficção. Trata-se de exemplos que evidenciam como a literatura pode se converter em um *paradigma outro* (Mignolo, 2003), constituindo-se como espaço enunciativo capaz de (re)dimensionar criticamente fatos enraizados durante o processo de colonização e de problematizar representações históricas cristalizadas. Assim, reafirma-se a convicção de que a ficção assume um lugar de manifesto (Cerdeira, 2024), um palco em que a “palavra-mundo” evocada por Freire (2005) se concretiza como território de (r)existência, tensionamento e formação para aquilo que almejamos enquanto leitores literários decoloniais.

Exemplo disso é a forma como a escravidão é representada na obra de Neves, cuja leitura, mediada pelo professor-leitor, possibilita discutir com os alunos tópicos relevantes sobre nosso passado. Ao privilegiar um processo de mediação que vá além da decodificação superficial do texto e valorize as sinuosidades discursivas que o atravessam, consagraríamos perguntas retóricas como: *Como os escravizados percebiam o processo de independência do Brasil?; Foi apenas Dom Pedro quem nos tornou independentes, ou sua esposa – tão subjugada e esquecida pela historiografia escolar – também influenciou os rumos do país?; Quem mais participou dessa ação, além das personagens consagradas pela história oficial?; Por que houve tantas revoltas após a Independência e tanta violência do Estado monárquico frente a essas manifestações – como ocorreu com a morte de Frei Caneca?*

São ressignificações como essas que o relato de Neves (2019) permite deslindar, retirando da sombra discursos antes hegemônicos. Elas abrem espaço para discutir não apenas a multifacetada configuração da personagem Dom Pedro I na literatura híbrida infantil e juvenil – que, como observamos, é apresentada como um ser humano ambíguo

–, mas também os discursos que permeiam a criação dessas narrativas, tanto no contexto histórico quanto no presente. Ao tensionar diferentes interpretações acerca do imperador e dos acontecimentos que o cercam, a obra transforma a historicidade em objeto de reflexão crítica, favorecendo leituras que ultrapassam representações simplificadoras do passado.

O embate entre as visões do protagonista Antônio e as de seu fiel acompanhante, o escravizado Tobias, constitui oportunidade para estimular, em sala de aula, reflexões entre jovens leitores em formação. A leitura de narrativas que mesclam elementos históricos e ficcionais oferece uma chance valiosa para explorar uma perspectiva *decolonial*. Nesse sentido, é relevante lembrar aos professores do Ensino Fundamental que essa abordagem pode contribuir significativamente para a formação dos alunos, conduzindo-os ao chamado “giro decolonial”. Como afirma Mignolo (2007):

[...] el giro decolonial es la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida – otras (economías – otras, teorías políticas – otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia. El pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder (es decir, de la matriz colonial de poder)” (Mignolo, 2007, p. 29-30).

É por meio da leitura de obras que questionam o passado narrado pelos discursos dominantes e pelas perspectivas historiográficas tradicionais que se opera “[...] a construção gradativa de um leitor literário decolonial que, progressivamente, empreenda uma caminhada rumo à descolonização de sua mente, de sua identidade e de seu imaginário [...]” (Santos, 2023, p. 71). Essa condição, intrinsecamente ligada à desconstrução de narrativas hegemônicas, exige investimento na formação continuada dos professores, mediadores fundamentais no processo de leitura nas escolas públicas brasileiras. Nesse contexto, a formação leitora emerge como uma das ações mais cruciais nos primeiros anos de escolarização, tanto para alunos quanto para docentes.

A modalidade narrativa híbrida, que combina elementos históricos e ficcionais, especialmente quando adota uma abordagem crítica e mediadora, apresenta potencial significativo para ser incorporada às plataformas e programas das redes de ensino, tanto nos anos iniciais quanto nos finais do Ensino Fundamental. A inclusão de outras narrativas híbridas da literatura infantil e juvenil brasileira, juntamente com romances históricos contemporâneos, amplia as possibilidades formativas. Conforme Fleck (2017) e Klock (2021), o grau de compreensão dessas narrativas é acessível aos estudantes em

fase de formação leitora, o que reforça seu potencial pedagógico. Klock (2021) destaca como

[...] tais produções, entre outros aspectos, buscam estabelecer um diálogo de aproximação entre os leitores menos especializados, não expertos em teoria ou análise literária, fazendo da arte literária um meio de relação dialógica entre os autores e o público receptor. Ao abandonarem as excessivas complexidades formais e linguísticas cultivadas no boom, os narradores do pós-boom valem-se de uma linguagem muito próxima àquela de uso corrente entre os leitores atuais e apostam nas estruturas cronológicas lineares para envolverem os leitores na sequência das ações narradas (Klock, 2021, p. 178).

A função mediadora do professor é, portanto, essencial. Também é necessário investir na formação continuada dos docentes do Ensino Fundamental e Médio, garantindo segurança para a abordagem crítica dessas obras em sala de aula. Contudo, no contexto educacional brasileiro, a carência de suporte teórico específico para o ensino da literatura e de diretrizes pedagógicas adequadas ainda constitui um desafio.

Ao propor um arcabouço teórico e exemplificar práticas de formação leitora com viés decolonial, é fundamental incentivar a exploração das narrativas híbridas. Essas escritas, ao mesclarem história e ficção, oferecem ao leitor uma visão alternativa sobre eventos considerados basilares na formação da sociedade e sobre personagens historicamente tratados como heróis pelo discurso oficial. Elas permitem que outras vozes – além das tradicionalmente consagradas – expressem perspectivas diversas sobre as vivências do passado.

Dessa forma, ao se debruçar sobre narrativas ficcionais como as de Neves, o leitor amplia seu conhecimento não apenas sobre eventos específicos, mas também sobre contextos históricos mais amplos. Ao oferecer perspectivas múltiplas, essas obras desafiam narrativas hegemônicas e estimulam a reflexão crítica. Quando voltadas ao público em formação, sua capacidade de descolonizar mentes, identidades e imaginários torna-se ainda mais significativa. A introdução do diferente, do inusitado e do imaginativo provoca questionamentos e abre espaço para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fatos históricos. Assim, a literatura com caráter híbrido de ficção e história desempenha papel fundamental na formação de leitores críticos e decoloniais. Pedro et al. (2022) reforçam essa ideia, lembrando o quanto

[...] essas narrativas expressam essa ideologia descolonizadora, de conscientização sobre a colonialidade do poder e seus ditames, pois engendram, em suas diegeses, os diversos atores que participaram da construção da história (indígenas, negros, mulheres) e suas visões sobre os fatos. Desse modo, esclarecem muitas lacunas deixadas pela história tradicional e jogam luz sobre alguns eventos antes encobertos por um discurso unilateral (Pedro et al., 2022, p. 47).

Como afirmado, essa abordagem é promissora para a formação de leitores com perspectiva decolonial. Ao explorar narrativas híbridas, os estudantes transcendem as fronteiras entre história e ficção, ressignificam personagens e eventos e ampliam sua compreensão sobre a história coletiva. Essa prática estimula a desconstrução das narrativas hegemônicas que sustentam o discurso colonialista e contribui para a construção de uma visão plural e contextualizada do passado e do presente, no qual persistem reminiscências coloniais. Tal processo requer passos concretos rumo à descolonização em múltiplas dimensões – mente, identidade, cultura –, cultivando a decolonialidade.

Ao garantir o acesso dos estudantes à leitura de produções literárias híbridas no contexto escolar, iniciamos um processo de descolonização de suas mentes, identidades e imaginários. É nossa responsabilidade transformar a abordagem tradicional, promovendo a experiência estética da leitura literária – fruidora, emancipadora, libertadora e formadora. A mediação dessas leituras deve estimular a compreensão crítica dos discursos e ideologias que moldam nossa percepção do mundo. A descolonização das mentes amplia a liberdade individual e coletiva, tornando-nos sujeitos abertos à construção de uma sociedade mais justa e plural, na qual diferentes vozes e perspectivas sejam valorizadas.

Algumas Considerações

Ao analisarmos as leituras realizadas tanto no âmbito historiográfico quanto no literário nas escolas públicas brasileiras, constatamos a recorrente presença da figura histórica do príncipe Pedro, posteriormente Dom Pedro I, imperador do Brasil, e, mais tarde, Pedro IV, rei de Portugal – o “Rei-Soldado” –, personagem que desempenhou papéis significativos na história de ambas as nações. Essas representações contribuem para a formação, no imaginário das e dos estudantes, de imagens que determinam a significação desse sujeito para nós, cidadãos brasileiros. Nesse contexto, torna-se particularmente relevante refletir sobre as formas pelas quais a literatura pode tensionar, complementar ou ressignificar tais representações, especialmente quando propõe leituras menos heroificadoras e mais atentas à complexidade humana das personagens históricas.

Como evidenciado, a narrativa híbrida *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado* (Neves, 2019), destinada a jovens leitores, apresenta Dom

Pedro I com todas as incoerências e nuances que caracterizam a condição humana. Essa abordagem desafia discursos simplistas e estereotipados, permitindo aos leitores explorar a profundidade psicológica, histórica e ética dessa personagem. Ao articular ficção e historicidade, a obra favorece uma leitura crítica do passado, convidando os jovens leitores a questionar as múltiplas facetas das figuras históricas. Com isso, evidencia-se que a história não é composta por personagens planas ou unidimensionais, mas por seres humanos atravessados por contradições, conflitos e emoções.

O estudo da obra de Neves (2019), que revisita o Primeiro Reinado (1822-1831), possibilita estabelecer conexões com o segmento juvenil da literatura híbrida brasileira, aproximando-se das produções contemporâneas voltadas ao público adulto, especialmente aquelas vinculadas ao romance histórico de mediação, conforme delineado por Fleck (2017). Ao adotar essa abordagem, a obra contribui para a descolonização intelectual, tanto na produção literária quanto na recepção pelos leitores. Por meio da mediação crítica do passado, narrativas híbridas infantis e juvenis engendradas nessa perspectiva convidam-nos a questionar e reavaliar nossa compreensão da história, ampliando a visão sobre eventos e personagens que moldaram nossa trajetória coletiva.

Nosso objetivo, ao nos voltarmos à leitura dessa narrativa, foi ampliar o debate sobre o ensino de literatura (Cerdeira, 2024) e, sobretudo, demonstrar como as escritas híbridas de história e ficção podem constituir-se como instrumentos profícuos para a efetivação do giro decolonial (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007) nas salas de aula da Educação Básica. A análise da configuração de Dom Pedro I, Antônio e Tobias evidenciou que a ressignificação da personagem histórica ocorre por meio da articulação entre historicidade, ficção e humanização, movimento que permite tensionar discursos consolidados sobre o passado brasileiro e favorecer leituras mais críticas de sua construção. Ao mesmo tempo, a diegese híbrida analisada mostrou-se capaz de promover processos de formação leitora orientados para a constituição de leitores decoloniais, sensíveis à pluralidade de vozes e perspectivas que atravessam a história. Buscamos, assim, contribuir para um debate que consideramos fundamental, enquanto pesquisadores e professores, reiterando que “[...] o rito e o fato de ler na sala de aula acaba se transformando em um exemplo para que um professor realize a sua prática decolonial” (Fleck, 2023b).

Referências

ANDRUETTO, M. T. *La lectura, otra revolución*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2014. (Colección Espacios para la Lectura).

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTILLO, J. *La lectura como política*. Construyendo políticas y planes nacionales del libro y la lectura. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 2020.

CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGUÉL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Central – Iesco; Pontificia Universidad Javeriana – Instituto Pensar; Siglo del Hombre, 2007.

CERDEIRA, P. L. Del sustantivo al verbo intransitivo: un Manifiesto Nosotros Literaturamos (de los desafíos de ‘aprenderenseñar’ literaturas hispánicas en el siglo XXI). *Abehache*, n. 25, 1. sem., 2024. Disponível em: <https://www.revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/512/371>. Acesso em: 13 jul. 2024.

FANT, C. C. S. Ressignificação do grito da Independência do Brasil pela literatura infantil: Memórias póstumas do Burro da Independência (2021), de Marcelo Duarte. In: FLECK, G. F.; CORBARI, C. C. (Orgs.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras: leituras*. São Carlos: Pedro & João, 2023. p. 137-172.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F. Quando as palavras saltam à vida, geram sentidos e criam consciência, forma-se um leitor: ler além dos signos – experienciar a arte constituída de palavras. *Entreletras*, Araguaína, v. 10, n. 2, p. 54-69, jul./dez. 2019.

FLECK, G. F. Leituras de narrativas híbridas de história e ficção: a formação do leitor literário decolonial no Ensino Fundamental – vias à descolonização. In: FLECK, G. F.; CORBARI, C. C. (Orgs.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras: leituras*. São Carlos: Pedro & João, 2023a. p. 13-61.

FLECK, G. F. Ensinar/aprender literatura em América Latina: una acción decolonial. YouTube, 18 out. 2023. 1h33min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iP-pC3mDVMk&t=18s>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FOSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1974.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2005.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Veja, 1979.

JOUVE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

KLOCK, A. M. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

MARTINS, M. H. *O que é leitura?* 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Central – Iesco; Pontificia Universidad Javeriana – Instituto Pensar; Siglo del Hombre, 2007. p. 29-30.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NEVES, L. E. C. *As cartas de Antônio: uma fantasiosa história do Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Philae, 2019.

PEDRO, F. S. C.; FLECK, G. F.; SANTOS, V. P.; SOUZA, M. C. F. Oficinas literárias temáticas: uma metodologia para a formação do leitor literário e a implementação da interdisciplinaridade no ensino fundamental – anos finais. *Primeira Escrita*, v. 9, n. 2, p. 41-53, 2022.

PENNAC, D. *Como una novela*. Bogotá: Editorial Normal, 1996.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *Revista Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLASO, 2014.

SANTOS, V. P. *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora*. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.